

FACULDADE CATÓLICA DE ANAPÓLIS
CURSO SUPERIOR DE APROVEITAMENTO EXTRAORDINÁRIO EM FILOSOFIA

JADSON ROCHA DA SILVA

O HOMEM E O DESEJO DE FELICIDADE SEGUNDO
SANTO TOMÁS DE AQUINO

ANÁPOLIS – GO

2020

JADSON ROCHA DA SILVA

O HOMEM E O DESEJO DE FELICIDADE SEGUNDO SANTO TOMÁS DE AQUINO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Ms. Tobias Dias Goulão.

ANÁPOLIS – GO

2020

FOLHA DE APROVAÇÃO

JADSON ROCHA DA SILVA

O HOMEM E O DESEJO DE FELICIDADE SEGUNDO SANTO TOMÁS DE AQUINO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Ms. Tobias Dias Goulão.

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

ANÁPOLIS –GO

2020

“Ao Senhor eu peço apenas uma coisa, e é só isto que eu desejo:
habitar no Santuário do Senhor, e contemplá-Lo no Seu templo!”
(Salmo 27, 4)

RESUMO

Épocas e épocas se passam e o homem continua querendo ser feliz; não importa quem seja, o ser humano sempre deseja encontrar uma plena realização para a sua existência: todos desejam a felicidade! Este trabalho quer apresentar acerca do homem e o seu desejo de felicidade. Essa felicidade desejada é real, pois ela é o fim último e o que há de mais adequado para o homem. Alcança-se a felicidade quando se toma posse do bem perfeito. Isso se dá quando contemplamos a verdade, que é o próprio Deus. Para isso, é necessário percorrer o caminho das virtudes. Portanto, na vivência das virtudes é possível realizar o bem, e a realização do bem possibilitará ao homem um dia possuir o bem perfeito, e ao possuí-lo, possui-se, por sua vez, a felicidade completa, que é Deus mesmo.

Palavras-chave: Felicidade; Bem; Desejo.

ABSTRACT

Times and seasons pass and man continues to want to be happy; no matter who it is, human beings always want to find full fulfillment for their existence: everyone wants happiness! This work wants to present about the man and his desire for happiness. This desired happiness is real, as it is the ultimate end and what is most suitable for man. Happiness is achieved when the perfect good is taken over. This happens when we contemplate the truth, which is God Himself. For that, it is necessary to walk the path of virtues. Therefore, in the experience of virtues, it is possible to do good, and the accomplishment of good will enable man one day to possess the perfect good, and when he possesses it, he has, in turn, complete happiness, which is God himself.

Keywords: Happiness; Good; Desire

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – O DESEJO DE FELICIDADE	10
1. ASPECTOS GERAIS	10
2. PERCEPÇÃO POPULAR.....	10
3. FINALIDADE E FIM ÚLTIMO	11
4. INSATISFAÇÃO	12
CAPÍTULO II – O QUE É FELICIDADE?	15
5. UMA VISÃO MODERNA	15
6. CONTRAPOSIÇÃO À VISÃO TOMISTA	16
7. A FELICIDADE SEGUNDO SANTO TOMÁS DE AQUINO.....	17
7.1 O QUE NÃO É A FELICIDADE SEGUNDO A VISÃO TOMISTA	18
7.2 O QUE É A FELICIDADE SEGUNDO A VISÃO TOMISTA.....	19
CAPÍTULO III – A VIVÊNCIA DAS VIRTUDES COMO CAMINHO PARA ALCANÇAR A FELICIDADE	21
8. O HOMEM PODE SER FELIZ	21
9. O CAMINHO.....	21
10. AS VIRTUDES CARDEAIS.....	22
10.1 A PRUDÊNCIA	23
10.2 A JUSTIÇA.....	23
10.3 A FORTALEZA.....	24
10.4 A TEMPERANÇA.....	24
11. É PRECISO PERSEVERAR!.....	25
CONCLUSÃO.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

INTRODUÇÃO

No presente artigo tratarei acerca do homem e o desejo de felicidade. À luz da filosofia tomista, irei discorrer sobre o ser humano e o seu desejo sempre presente de ser feliz e encontrar uma satisfação plena para a sua existência, pois é inegável que existe no ser humano um desejo sobrenatural que não observamos em nenhum outro vivente. Desde sempre, não importa o contexto ou época, esse anseio se encontra no interior de cada um, e ao que parece, não se pode deixar de possuí-lo.

Como já dito, a felicidade é desejada por todos os seres humanos! Expressar isso é expressar uma realidade presente em cada homem intrinsecamente (Cf. STORK; ECHEVARRÍA, 2005, P.165). Não se pode duvidar disso, pois “a aspiração à felicidade é um dado antropológico, e não é possível prescindir dela, pois esta não está propriamente no âmbito do elegível.” (LUÑO, 2004, p. 98). Não é preciso nem mesmo recorrer a um grande esforço intelectual, ou ao estudo de diversos filósofos ao longo da história para perceber tal coisa, basta reparar em cada pessoa humana – especialmente em si mesmo – para descobrir que todos os seres humanos desejam ser felizes. “A felicidade é aquilo a que todos aspiramos, ainda que sem sabê-lo, pelo mero fato de vivermos.” (STORK; ECHEVARRÍA 2005, p. 165).

Diante dessa busca, veremos que de tantas formas o homem tentou e tenta encontrar o sentido para a sua existência e ser feliz, mas apesar de tantos esforços, ainda acontece de sentirem que não alcançaram aquilo que tanto procuravam adquirir. Estaremos, pois, conscientes de que para um ser espiritual – como o é o ser humano –, é necessário também uma finalidade espiritual, sublime, suficiente e eterna, que o plenifique.

Conscientes disso, entenderemos que é necessário haver uma finalidade para todas as coisas existentes (AQUINO, 2003, p.32), e para o ser humano é preciso que haja uma finalidade mais sublime que qualquer outra. Compreender que para tudo há um fim nos ajuda a compreender o desejo de felicidade presente em cada homem.

No decorrer de suas vidas, as pessoas buscam alcançar fins próximos, que comumente denominamos objetivos ou metas (como realizar um trabalho, por exemplo), contudo, a impressão que se tem é que, estes fins, mesmo alcançados, ainda não são suficientemente capazes de cessar totalmente nelas o desejo de possuir algo a mais. Apesar de ser o ‘bem’ o fim das coisas (AQUINO, 2017, p.369), esse desejo amplo só poderá ser plenamente saciado quando alcançarmos o nosso fim último, ou seja, aquilo que, uma vez alcançado, faça com que não queiramos possuir mais nada, pelo simples fato de este fim ser perfeito e suficiente; isso se dá quando alcançamos o Bem supremo.

Já que este fato é presente em todos os seres humanos, cremos que exista algo em comum que seja capaz de conter essa aspiração: a felicidade. “Todo homem é feito para a felicidade!” (SIMON, 1999, p.175) Sendo felizes plenamente, não será necessário desejar outra coisa (Cf. AQUINO, 2003, p. 61). Por isso, no presente artigo iremos responder o que a felicidade é e o que não é, e que sim, é possível alcançá-la, pois o homem foi criado para este fim (p. 96). Também responderemos que ela pode ser alcançada através da vida virtuosa (p.109), para assim, possuir o seu objeto: a contemplação da verdade, ou seja, o próprio Deus, o Bem supremo (Cf. AQUINO, 2017, p.395-396).

Iremos, portanto, tratar acerca deste assunto no presente artigo pois, observar a realidade atual nos faz querer, de alguma maneira, auxiliar e dar uma resposta de esperança a uma sociedade que se encontra cada vez mais infeliz. Ver noticiários informando-nos de tantos suicídios, ouvir o desânimo de tantas pessoas no decorrer do dia a dia, tanta falta de motivação, tantos desejos imediatos sendo frustrados, nos faz querer contribuir de alguma maneira e dizer que, se fomos criados e existimos, e se somos seres superiores a todos os outros presentes neste mundo – pois somos dotados de inteligência, vontade e liberdade – então seria absurdo dizer que a nossa existência seja vã e sem sentido e que não é possível ser feliz.

Ademais, este tema nos faz alcançar o conhecimento do caminho a percorrer para cumprirmos, de maneira segura e certa, a nossa finalidade de vida: contemplar a verdade, conhecer Deus, ser feliz!

CAPÍTULO I – O DESEJO DE FELICIDADE

1. ASPECTOS GERAIS

Ao desenvolver este artigo, cujo tema geral é a felicidade, e no qual o ponto de partida é o desejo de cada ser humano por ser feliz, gostaria de iniciar minha explanação descrevendo durante este primeiro capítulo sobre o desejo de felicidade propriamente dito. Para tal, irei demonstrar sua existência de três modos, a saber: primeiro, por meio da percepção popular e natural, apesar de incipiente, de que todos desejamos ser felizes; segundo, de como esse desejo se prova através da finalidade das coisas, de forma especial através do fim último, levando em consideração o objeto da vontade humana; e terceiro, mediante a observação de inúmeras insatisfações presentes nas pessoas diante da realização de seus objetivos, que, embora já alcançados, ainda não são capazes de lhes conceder a felicidade completa.

2. PERCEPÇÃO POPULAR

Permita-me iniciar com um exemplo bem concreto, relatando algo que aconteceu comigo quando eu ainda era de tenra idade. Certo dia, estava a refletir sobre as coisas que desejava para a minha vida, e em meio àqueles sonhos simples de criança – como viajar de avião ou ter um determinado computador – fui questionar a minha mãe sobre qual era o maior sonho que ela tinha; e obtive imediatamente a resposta: “Eu sonho em ser feliz, meu filho!” Lembro-me que esta resposta me marcou profundamente, porque eu tinha sonhos tão fáceis de serem realizados um dia, e em contrapartida, minha mãe demonstrara o desejo de algo tão mais complexo... Isso marcou-me de tal forma que, apesar de tão pouca idade que tinha, trago aquela resposta até hoje em minha memória. E agora me detenho a tentar explicar esse desejo que minha mãe, outrora, expressara.

No entanto, após observar e refletir um pouco mais profundamente, pude perceber que tal anseio não estava presente somente na minha mãe, mas é um desejo que todos, absolutamente todos os seres humanos trazem consigo: “A felicidade é aquilo a que todos aspiramos, ainda que sem sabê-lo, pelo mero fato de vivermos.” (STORK; ECHEVARRÍA 2005, p. 165).

Acerca disso, Santo Agostinho demonstra em um de seus escritos (2014, p. 17):

Então retomei o discurso: Todos queremos ser felizes? Mal acabei de pronunciar isso, concordaram com uma só voz. Parece-vos, disse, que é feliz aquele que não tem o que quer? Negaram. Mas então, é feliz aquele que tem aquilo que quer? Então minha mãe disse: Se a pessoa quer coisas boas e as tem, então é feliz; mas se quer coisas más,

muito embora as possua, é miserável. Sorrindo e demonstrando minha alegria por gestos, eu disse à minha mãe: Atingiste, ó mãe, decididamente o ápice da filosofia [...]

No relato acima, Santo Agostinho indaga de forma bem espontânea aos que o ouvem, se o desejo de felicidade é uma vontade presente em todos: eles, uma vez que ele mal acabara de questioná-los, responderam que sim. Então, mesmo sem um grande esforço intelectual, já é possível perceber esse anseio e essa vontade em cada ser humano. É óbvio que essa percepção “popular”, natural, um tanto que espontânea, é, deveras, imperfeita, mas já é o suficiente para pelo menos confirmar que há algo de especial para o qual a vontade humana se inclina.

3. FINALIDADE E FIM ÚLTIMO

Que esse desejo existe já conseguimos perceber! Mas o porquê existe e no que consiste ainda nos falta saber. Pois bem, para compreender melhor essa questão, é necessário elucidar um pouco acerca da finalidade das coisas, e de maneira especial do fim último, e destarte, teremos resposta para o nosso questionamento anterior.

Em sua *Ética General*, Ángel Rodríguez Luño (2004, p.98) afirma:

“No plano da elaboração filosófica do dado antropológico, a noção de felicidade é uma problemática, mas certamente não ocupa o primeiro lugar. Filosoficamente se chega primeiro a um conceito de fim último ou bem perfeito, com suas características formais claras (único, autossuficiente, completo, desejado por si mesmo e nunca em vista de outra coisa), e depois se chega à pergunta acerca ao seu conteúdo concreto, para então surgir a noção comum de felicidade como primeira resposta¹.”

Todas as coisas existentes têm uma finalidade, e normalmente, a melhor maneira de conhecer no que uma coisa consiste, é conhecendo a sua finalidade. Se temos, por exemplo, um copo, e alguém pergunta qual a definição de um copo, comumente se responde que é um objeto utilizado para conter líquidos. Então, a finalidade para a qual o copo foi criado é o que o representa melhor. E se até mesmo para os seres inanimados há uma finalidade própria, quanto mais para um ser vivo, e quanto mais ainda se esse ser vivo for um ser humano. Por essa razão, Santo Tomás de Aquino (2017, p. 353) nos diz que “todo agente opera em vista de um fim.”

¹ Tradução livre. “En el plano de la elaboración filosófica del dato antropológico, la noción de felicidad es problemática e desde luego no ocupa el primer lugar. Filosoficamente se llega primero a un concepto de fin último o bien perfecto, con unas características formales claras (único, autosuficiente, completo, deseado por sí mismo e nunca en vista de otra cosa), se pasa después a la pregunta por su contenido concreto, y entonces sale al paso la noción común de felicidad como una primera respuesta (LUÑO, 2004, p. 98).”

Aristóteles (2015, p. 17), em sua ilustre obra ‘Ética a Nicômaco, escreve: “[...] todas as coisas tendem ao bem”, ou seja, a finalidade de todas as coisas é o bem, pois o bem é o objeto da vontade. (Cf. STORK; ECHEVARRÍA 2005, p. 45). “Existe um só fim último para a vida humana” (AQUINO, 2003, p.38). Pode-se constatar que o livre agir humano tem em vista o fim último, e esse fim é o bem supremo (LUÑO, 2004, p. 89). Portanto, se tudo o que existe tem uma finalidade que tende ao bem, e existe uma finalidade última com um bem supremo, e a vontade humana – cujo objeto é o bem - deseja algo constantemente, resta-nos dizer que o que o homem tanto deseja é possuir o bem supremo para cumprir a sua finalidade última, sendo assim feliz.

Desta forma, nós conseguimos compreender porque existe esse desejo de felicidade em cada homem: pelo simples fato de sua finalidade ser a posse do bem supremo, e a esse bem chamamos felicidade (Cf. ARISTÓTELES, 2015, p.26); e compreendemos também no que consiste esse desejo: na inclinação da vontade humana ao mesmo bem supremo, seu objeto mais adequado. “Tudo aquilo que o homem deseja é em vista do fim último” (AQUINO, 2003, p.42)

4. INSATISFAÇÃO

Tendo isso em vista, deter-nos-emos no terceiro ponto a ser considerado neste capítulo, no qual veremos a respeito das insatisfações sempre presentes na vida de cada pessoa e de como elas nos demonstram que o homem realmente deseja a felicidade.

Podemos utilizar o exemplo de Jennifer Fulwiler, descrito em sua obra intitulada ‘Tudo, menos Deus’², na qual ela relata que desde sempre em sua vida teve tudo o que sempre desejou: um salário bom, um casamento ideal, uma vida de sucesso, várias conquistas... ela tinha tudo para ser feliz, mas não era. Por que, então, ela não era feliz? Porque essas coisas não bastavam para encerrar nela, assim como em qualquer ser humano, o anseio pela verdadeira e plena felicidade.

É evidente que, se nos é conveniente uma finalidade tão augusta como a felicidade, não é qualquer coisa nesta vida que nos fará alcançá-la. A busca por satisfação é grande e contínua: a todo instante procuramos, naturalmente, realizar ações que sejam capazes de preencher algo que, em maior ou menor intensidade, ainda falta ser completado em nosso interior. Podemos até mesmo alcançar certo objetivo próximo, no entanto, o risco do que foi alcançado acabar é uma realidade, fazendo com que o desejo por algo ainda permaneça em nós.

² Editora Ecclesiae. Campinas-SP, 1ª edição, 2015.

Muitos têm em mente um objetivo e o alcançam. Sendo esse objetivo grande ou pequeno, de difícil ou fácil acesso, testemunhamos muitas pessoas realizadas na vida, levando em consideração suas metas traçadas. Contudo, é possível reparar em um fenômeno: muitos, após realizarem aquilo que querem e que tanto se esforçaram por conquistar, permanecem ou insatisfeitos com aquilo ou continuam desejando algo a mais.

A insatisfação permanece ou porque aquilo não lhes trouxe o resultado previsto ou porque o gozo daquele feito logo expirou; e permanecem desejando algo a mais ou porque qualquer coisa mais interessante surge após aquilo ou porque simplesmente se acostumaram com o objetivo alcançado.

Dado que a felicidade é o que o homem procura por trás de cada vontade que tem, mesmo que ele consiga ser feliz naquela realização, ainda não é possível que seja feliz plenamente, pois a felicidade plena é autossuficiente (Cf. ARISTÓTELES, 2015, p.26), não deixando espaço para se desejar mais nada além de sua posse.

O fato de, mesmo com o objetivo uma vez alcançado, permanecermos insatisfeitos e não cessar em nós o desejo de querer mais, demonstra, de algum modo, o desejo da bem-aventurança³ – a felicidade plena, autossuficiente –, e faz com que não tenhamos dúvida de que não é possível adquiri-la com todas as suas características nesta vida terrena, pois, como afirma Santo Tomás (2003, p.58; 60) “a bem-aventurança não consiste em nenhum bem criado, e nem mesmo em nenhum bem da alma.”

É interessante perceber como é possível começar a sofrer antes mesmo de uma possível frustração diante de um objetivo não alcançado, pois o simples fato de se ter a consciência que tal objetivo pode, uma hora ou outra, não ser atingido, já é capaz de nos provocar sentimentos ruins. E se, de fato, o objetivo desejado é perdido, o sofrimento é mais certo ainda; daí provém certa frustração e insatisfação, e ainda não se adquiriu a felicidade, e o desejo de ser feliz permanece. Isso é uma paixão⁴, e esse tipo de sentimento é involuntário, do qual nem sempre temos domínio. Todavia, expressa bem aquilo que estamos a discorrer.

O Doutor Angélico⁵ nos demonstra isso de certa forma na suma teológica quando escreve: “[...] padecer em sentido próprio significa receber algo com exclusão de alguma coisa[...] Algumas vezes é excluído o que não convém à coisa.” (AQUINO, 2003, p.304) Ou seja, nós recebemos uma insatisfação em troca de um desejo que não convinha, pois este não é

³ Sinônimo de bem supremo e de beatitude.

⁴ Paixão no sentido tomista, que se define por um padecimento de algo.

⁵ Um dos adjetivos utilizados ao se referir a Santo Tomás de Aquino.

capaz de completar plenamente a vontade intelectual, o apetite da inteligência, que está presente em cada um de nós (STORK; ECHEVARRÍA, 2005, p. 45)..

Cabe ressaltar que, o fato de percebermos a continuidade do desejo muitas vezes e mais facilmente de forma sensível, não significa que o sujeito do desejo é somente o aspecto sensível do homem e nem que objeto último desejado seja também de caráter sensível, mas é simplesmente um indício da presença de uma inclinação do homem como um todo – corpo e alma – para uma satisfação de caráter sobrenatural.

Assim sendo, essa insatisfação é um indício de duas coisas: primeiro, de que a completa satisfação não está presente nesta vida terrena; e segundo, de que essa saciedade, não presente nesta vida, só por ser encontrada em um plano transcendente, sobrenatural, além dos bens presentes nesta vida.

Portanto, ao que parece, os bens desta vida não são a finalidade, mas somente um caminho que conduz à finalidade, que é a posse da felicidade. Em que consiste a felicidade que tanto se deseja possuir e se ela é possível ao homem, é o que iremos descrever no próximo capítulo.

CAPÍTULO II – O QUE É FELICIDADE?

5. UMA VISÃO MODERNA

Daquilo que já vimos até o presente momento, reconhecemos que o homem tem um desejo de felicidade, e o tem pois opera em vista de um fim último, e sua vontade se inclina a um bem supremo; quando isso é alcançado ele possui, então, a felicidade. Reconhecemos também que esse desejo é, de alguns modos, perceptível em cada pessoa humana, e que o fim último – a felicidade – é o que há de mais apropriado ao homem. No entanto, cabe-nos agora entender o que é a felicidade.

Para iniciar este percurso, gostaria de expor, de forma breve e sucinta, o pensamento do filósofo inglês John Stuart Mill⁶ presente em sua obra intitulada ‘Utilitarismo’⁷, na qual ele aborda sobre sua doutrina do Bem-estar, que vai de encontro ao nosso interesse neste artigo. Seu pensamento nos auxiliará a compreender, sob a luz tomista, em que consiste a verdadeira felicidade, e também nos servirá de modelo para termos uma ideia da concepção moderna de felicidade. Desse modo, nos será possível comparar as divergências e certos pontos em comum desta visão com a ideia tomista.

Stuart Mill pregava que a utilidade é o princípio do bem estar maior, deste modo, as ações são boas em proporção ao bem estar que oferecem. De acordo com Mill, o bem estar se resume ao prazer, que significa a ausência de sofrimento. Logo, quando há sofrimento não há o bem estar. Isso significa que é útil para o ser humano aquilo que é capaz de lhe trazer o prazer, e, conseqüentemente, o bem estar. Porém, há nos prazeres uma certa hierarquia, que os divide em prazeres mais ou menos nobres, de maior ou menor qualidade. Portanto, a maior ou menor qualidade do prazer irá proporcionar maior ou menor bem estar.

O filósofo admite que é incontestável que a felicidade é desejável por todos, e que é a única coisa desejada como fim; todas as outras coisas são desejadas como meio para alcançar o fim. E ainda mais do que afirmar esse desejo, Stuart sustenta a ideia de que é impossível que ele não exista.

Pelo fato de o pensamento de Stuart Mill estar todo voltado ao prazer e ao bem-estar, poderíamos pensar que ele tinha em conta uma filosofia de felicidade um tanto egoísta. Contudo, diferentemente de muitos de seus contemporâneos, Mill defendia uma felicidade que

⁶ John Stuart Mill foi um importante filósofo britânico do século XIX. É considerado um dos principais representantes do Utilitarismo (doutrina que prega a maximização do bem-estar dos indivíduos) no campo da Filosofia Moderna. Nasceu na cidade de Londres, em 20 de maio de 1806. Faleceu em 8 de maio de 1873, aos 66 anos, na cidade Avignon (França). Atuou também como economista, historiador, escritor e político.

⁷ MILL, John Stuart. **Utilitarismo**. Editora Escala, 2007.

levava em consideração o bem comum, e se tratando de uma moral do sacrifício e da abnegação, tornava válida essa possibilidade, tendo em vista que o herói ou o mártir que se entrega e sacrifica por alguma causa, alcança uma felicidade maior.

Diante do pensamento de Stuart Mill faremos algumas observações. Podemos considerar como verdadeiros alguns aspectos de sua ideia, tais como: que é incontestável que a felicidade é desejável e que é desejável como fim; que é impossível que exista algum ser humano que não possui esse desejo em si; que todas as outras coisas existentes são realizadas tendo em vista o fim último; que é válido o sacrifício que proporciona, posteriormente um bem maior... No entanto, alguns pontos de seu pensamento tornam insuficiente a compreensão da verdadeira e plena felicidade.

6. CONTRAPOSIÇÃO À VISÃO TOMISTA

Primeiramente, sua compreensão de prazer tende a reduzir-se bastante à um prazer puramente sensível. Santo Tomás de Aquino (2003, p.79) nos ensina que, de fato, “requer-se o prazer para a bem-aventurança, pois o prazer é causado quando o apetite se aquieta no bem conseguido.” Contudo, o pensamento do doutor angélico difere de Mill em dois sentidos: primeiro, que esse prazer não é a bem-aventurança em si – ou o bem estar, como Stuart denomina–, mas é concomitante a ela (p.80) -; e segundo, diverge também no que diz respeito ao caráter desse prazer: o filósofo britânico deixa abertura à compreensão de um prazer puramente sensível e terreno, como já dito, enquanto para o Aquinate, é fruto do intelecto (Ibidem). Não é possível, como já foi demonstrado, que algo puramente terreno e que não transcenda seja capaz de conceder ao homem a posse do fim último, do bem supremo, da felicidade (p.99)

Outra característica do pensamento de Mill que não expressa adequadamente o que é a felicidade é quando ele afirma ser louvável o sacrifício e a abnegação para a posse do bem estar⁸, reconhecendo no intuito do sujeito que se sacrifica uma atitude que visa o bem maior. De certo, essa visão é totalmente positiva, mas dependendo de sua intenção, não é o bastante para ser considerado o bem perfeito.

Sacrificar-se em vista de um bem maior é uma ação, deveras, boa, porém se esse bem maior for somente um bem terreno, sensível e se há um dia o risco de ele, mesmo sendo grande, acabar, então esse sacrifício não será capaz de conceder a quem o pratica a bem-aventurança.

⁸ O que para Santo Tomás seria traduzido como a Bem-Aventurança.

Pode ser que tal ação conceda ao homem frutos como a riqueza, a honra, a fama ou a glória, o poder ou o prazer, no entanto, a aquisição de tudo isso ainda não é a verdadeira felicidade (p.47).

A breve análise que fizemos do pensamento de Stuart Mill acerca da felicidade nos permite observar mais duas concepções modernas sobre o tema que nos fazem entender um pouco mais acerca da visão atual de felicidade e o quanto elas podem esvaziar o seu real sentido. São elas: o materialismo e o hedonismo.

O materialismo é uma doutrina que reduz tudo ao que é de material. Como vimos no pensamento de Mill, sua visão pode reduzir-se muito ao que é puramente terreno. Esse tipo de atitude não condiz com o verdadeiro aspecto da felicidade plena. No capítulo I pudemos perceber que apesar de tudo o que o homem adquire nesta vida, ele ainda não possui a beatitude. Se nem mesmo bens mais elevados como a família ou a vivência com os amigos podem proporcionar ao homem a verdadeira felicidade, quanto mais reduzir isso ao que é material. O materialismo preocupa-se muito com a imagem, com o exterior; e o homem, para ser completo, precisa desenvolver cada vez mais o seu interior, as suas virtudes (como veremos mais detalhadamente no capítulo III).

Já o hedonismo é uma corrente filosófica que entende o prazer como causa última de felicidade. Essa corrente filosófica tem como base a doutrina epicurista, que afirmava ser o prazer a causa da tranquilidade e da felicidade. Porém, o hedonismo mais atual tende a reduzir a felicidade aos prazeres mais efêmeros e sensíveis possível. Portanto, quanto mais fácil e mais imediato for o prazer, melhor.

Isso é perceptível na nossa atualidade quando, por exemplo, vemos a crescente busca das pessoas pelos métodos de autoajuda e afins; ou seja, chegou-se a uma ideia que é totalmente possível resolver problemas complexos de forma rápida e fácil, sendo que no fundo isso não é possível. Isso diverge até mesmo do pensamento de Stuart, que dizia serem mais válidos os prazeres mais elevados, e para alcançá-los é óbvio que é necessário mais dedicação.

Todas essas visões esvaziam, parcial ou totalmente, o real sentido da felicidade plena e completa, pois vai contra as suas características essenciais. Quanto a isso, veremos adiante.

7. A FELICIDADE SEGUNDO SANTO TOMÁS DE AQUINO

Visto isso, percorreremos o caminho trilhado por Santo Tomás de Aquino para entender o porquê nenhum desses atributos citados podem conceder ao homem a bem-aventurança, e conseqüentemente, a felicidade última.

7.1 O QUE NÃO É A FELICIDADE SEGUNDO A VISÃO TOMISTA

É impossível que a bem-aventurança do homem consista nas riquezas, pois 1º) sempre buscamos a riqueza em vista de alguma outra coisa e não por si mesma e 2º) porque não é possível, através dela, comprar os bens espirituais, somente os bens materiais (Ibidem). Também é evidente que há o enorme risco de o homem, que detêm qualquer riqueza, perdê-la por diversos infortúnios, como o assaltante, por exemplo. E se existe o risco de se perder algo, não é possível que esse algo seja a bem-aventurança.

A bem-aventurança não consiste nas honras, porque como afirma Santo Tomás (2003, p. 49) “a honra é prestada a alguém devido alguma excelência sua: é um sinal e testemunho daquela excelência que está no honrado.” Isso significa que a honra pressupõe um bem já existente no homem. Ela tem o papel de acompanhante do bem, por ser fruto deste, e não ele mesmo. Muitos poderiam afirmar que o homem deseja a honra, no entanto, este “a deseja não por ela mesma, mas pelo desejo da bem-aventurança que a acompanha” (p.49). Logo, a honra não é capaz de ser a bem-aventurança e conceder ao homem a verdadeira felicidade.

Também não é possível que a fama ou a glória sejam a bem-aventurança, uma vez que o homem pode ser conhecido ou glorificado por ações más ou falsas. Como a maldade e a falsidade são aspectos contrários ao bem supremo, e existe o perigo de os homens serem famigerados por ações más, percebemos assim que não é possível que a fama ou a glória sejam a bem-aventurança (Cf. p.50) E sempre que uma pessoa é conhecida ela o é em razão de algo, deixando mais clara a prova de que estes atributos não podem ser a felicidade última.

O poder não é a bem-aventurança em si pelo fato de este trazer consigo diversas preocupações, fugindo totalmente dos aspectos próprios do bem perfeito (Cf. p.52). De igual modo, o poder não é a bem-aventurança pois este não é um bem suficiente, tendo em vista que aquele que o detêm necessita de outros bens que o complementem – como a sabedoria e a prudência – para ser melhor utilizado (Cf. p.53). Como é condição *sine qua non* para o bem perfeito a autossuficiência (LUÑO, 2004, p.100), não é possível, portanto, que o poder seja a bem-aventurança.

O prazer, assim como os demais atributos supracitados, não pode conceder a verdadeira felicidade por não ser a beatitude, pois todo o prazer é um acidente⁹ que acompanha uma bem-aventurança. De modo que, de acordo com Santo Tomás (2003, p. 56), não é possível que o prazer, que acompanha a bem-aventurança, seja ela mesma.

⁹ Acidente: É aquilo que é em outro, que é dependente da substância, por isso não tem um ser propriamente. São realidades a cuja essência convém ser em outro, que é seu sujeito.

Ao que parece, nenhum dos atributos aqui elencados, e outros tantos que poderiam ser elencados, são o bastante para conceder ao homem a posse do que ele tanto deseja. Não são o bastante, pois todos esses aspectos, mesmo utilizados de maneira virtuosa, podem ser até um auxílio e servirem como meio para alcançar a posse do bem supremo e da felicidade, mas nunca podem ser a finalidade última. Querer tornar aquilo que é ‘meio’ um ‘fim’ é uma tentativa cujo resultado será a frustração. Desse modo, nunca será possível ser verdadeiramente feliz.

Todos esses aspectos também não são o bem perfeito pois todos eles podem ser alcançados e perdidos; e mesmo que não sejam perdidos, nunca são o suficiente, pois o homem sempre quer mais, e deseja mais: quanto mais riqueza tem, mais riqueza quer; quanto mais honra tem, mais honra deseja; quanto mais fama ou glória, mais quer; quanto mais prazer tem, mais prazer busca... Não é próprio de um bem supremo ser tão imperfeito!

7.2 O QUE É A FELICIDADE SEGUNDO A VISÃO TOMISTA

Pois bem, visto tudo isso, ainda permanece um questionamento: já que nada do que vimos até agora é a felicidade, o que, então, seria a verdadeira felicidade?

Santo Tomás de Aquino (2017, p.395) nos concede a resposta: “a felicidade última do homem consiste na contemplação da verdade.” Eis, caríssimos, aquilo que tantos desejamos e esperamos... Contemplar a verdade é o que irá saciar toda a nossa sede existencial, que fará cessar todos os nossos desejos; é essa ação que proporcionará à nossa vontade não querer mais nada, não ter apetite por mais nada, pois terá tudo!

Contemplar a verdade significa “contemplar a Sabedoria, cujo objeto são as coisas divinas. Depreende-se daí que a felicidade última do homem não consiste senão na contemplação de Deus (p.396). Quando se contempla a Deus, possui-se, por sua vez, o bem supremo a que tanto nos referimos, e então se é feliz.

Sabemos que “todo homem tende naturalmente ao conhecimento” (ARISTÓTELES, 2002, p.3), mas em relação ao conhecimento das coisas de Deus não significa um mero entendimento geral (AQUINO, 2017, p. 396), um saber como qualquer outro, mas consiste no máximo conhecimento que nós, seres humanos, somos capazes de alcançar para com Deus. Assim, a alma “desimpedida de todo negócio humano se delicia somente no amor de Deus”¹⁰. É uma realidade transcendente, eterna, diferente de tudo aqui que podemos encontrar nesta vida.

¹⁰ AQUINO, Santo Tomás de. **Comentário ao IIIº livro das sentenças de Pedro Lombardo**, <http://www.cristianismo.org.br/st-3sn25.htm>.

O conhecimento a que nós tantos ansiamos é o conhecimento da Verdade, que é o próprio Deus.¹¹

Com isso, fica claro que todo o nosso desejo pelo bem supremo e pela felicidade existe porque todos nós ansiamos pelo conhecimento da verdade, que é a contemplação de Deus, sumo e eterno bem, felicidade completa. Não há outra alternativa a não ser crer nisto, pois como já foi provado, não existe nada no mundo capaz de conceder isso à vontade humana. Alcançando isso é que “serão satisfeitos todos os desejos humanos”. (P. 436)

Ótimo! Eu desejo a felicidade e ela existe; e ao que parece, ela também é alcançável. Mas como eu faço para alcançá-la? Qual o caminho a percorrer? É acessível a todos? É esse o assunto do próximo capítulo deste artigo.

¹¹ Cf. João 14,6.

CAPÍTULO III – A VIVÊNCIA DAS VIRTUDES COMO CAMINHO PARA ALCANÇAR A FELICIDADE

8. O HOMEM PODE SER FELIZ

Estamos progredindo no conhecimento acerca da felicidade. Vimos até o presente momento que o homem anseia por ser feliz; em seguida, entendemos o que não é e o que é a felicidade e a necessidade que o homem tem de possuir o bem perfeito para ser feliz. Veremos agora que é possível ao homem alcançar o bem supremo e o que ele deve fazer para ser feliz.

A bem-aventurança é adequada ao homem, e este, por sua vez, tem a capacidade de possuí-la. Santo Tomás de Aquino (2003, p.96) nos explica que: “Beatitude significa obtenção do bem perfeito. Logo, quem quer que seja capaz de tal bem pode alcançá-lo. Ora, como o seu intelecto pode apreender o bem universal e perfeito, e a sua vontade apetece-lo, conclui-se que o homem é capaz do bem perfeito. E, portanto, pode alcançar a beatitude.” No entanto, “algumas boas obras são exigidas para que o homem possa obtê-la” (p. 108).

Compreender isso deixa claro que existem ações que nos farão atingir esse objetivo, porque se o fim último é adequado a nós, logicamente o caminho para alcançá-lo também é, e com toda certeza, vale a pena percorrê-lo. Não será vã a busca pela felicidade, é um caminho certo: se o percorrermos, alcançaremos o bem perfeito, e seremos plenamente felizes.

Juntamente com a certeza da existência da felicidade e da possibilidade que temos de alcançá-la, estamos sempre acompanhados pelo anseio de ser feliz, e este nos serve como um estímulo para trilharmos o caminho necessário e realizarmos as ações exigidas para tomarmos posse da bem aventurança; e nos é também um impulso para perseverarmos no mesmo propósito, apesar das dificuldades que houverem. Se sabemos que só poderemos ser plenamente satisfeitos realizando determinada ação, é evidente que empenhar-nos-emos diligentemente para cumprir o que for necessário.

9. O CAMINHO

Certo, mas que caminho é esse a se percorrer? O que devemos fazer?

Pois bem, o caminho para se possuir o bem supremo e ser feliz é o da vivência das virtudes. “O prêmio da virtude é a bem-aventurança” (p. 90). Devemos, então, viver uma vida virtuosa para depois desfrutarmos de uma vida boa¹² para sempre. Somente assim seremos cumulados de perfeita felicidade!

¹² Entende-se por ‘vida boa’ uma vida cujo indivíduo já tem a posse do bem-aventurança.

Define-se virtude como um “hábito voluntário operativo sempre voltado para o bem” (Cf. p.101). A virtude está no termo médio em relação aos seres humanos, e sempre é determinada pela razão (Cf. p.112). Ao falarmos de hábito, estamos falando de “uma qualidade dificilmente removível” (Cf. AQUINO, 2003, p.38), que é adquirido por meio da repetição de ações (cf. p.182). E quando falamos de termo médio, estamos falando de um equilíbrio entre os excessos, no qual as paixões são moderadas.

A vontade é o sujeito da virtude (p.112), ou seja, é ela que, ordenada pela razão, move o homem a realizar o bem; e se ele permanece constante nesse bem, isso se tornará um hábito, e concomitantemente, uma virtude. Portanto, fica evidente a afirmação de que a virtude é, de fato, o caminho para a felicidade.

Essa realidade é totalmente acessível ao homem, pois sabemos que a vontade humana já tem, naturalmente, uma inclinação para o bem; e se há uma inclinação para o bem há, conseqüentemente, uma inclinação para a virtude; e se há uma inclinação para a virtude, há, por sua vez, a possibilidade de possuir o fruto desta: o bem perfeito, a felicidade completa.

10. AS VIRTUDES CARDEAIS

A vivência das virtudes é algo muito amplo, pois é grande o número de virtudes existentes e estas são de vários tipos. Por esse motivo, e para não me delongar em demasia, desejo explanar sobre isso de forma mais específica tratando acerca das virtudes cardeais. Deste modo, teremos o conhecimento de um caminho efetivo capaz de nos conduzir à vivência das demais virtudes, e, por conseguinte, nos possibilitar alcançar o nosso fim último.

As virtudes cardeais são virtudes fundamentais, que têm a função de ser um alicerce para as nossas ações¹³. ‘Cardeal’ tem como origem a palavra latina “*cardo*”, que significa eixo.¹⁴ Portanto, as virtudes cardeais são o eixo de todas as virtudes. Por esse motivo, elas têm total harmonia umas com as outras e com as demais existentes. São como base orientadora para a vivência de todas as demais virtudes. As virtudes cardeais são quatro, a saber: prudência, justiça, fortaleza e temperança.

¹³ Cf. **As virtudes cardeais**. <https://formacao.cancaonova.com/espirtualidade/as-virtudes-cardeais/> Acessado em 20/11/2020.

¹⁴ Cf. **As 4 virtudes cardeais**. <https://pt.aleteia.org/2020/06/16/7-virtudes-chave-do-catolico-as-3-teologais-e-as-4-cardeais/> Acessado em 20/11/2020.

10.1 A PRUDÊNCIA

A prudência é a virtude que nos possibilita saber escolher a melhor maneira de desempenhar nossas ações para que estas sejam ações boas. Define-se brevemente como “a capacidade de se decidir retamente.” Associa-se prudência ao equilíbrio, ao bom senso, à precaução e ao discernimento. Ela permite ao homem ser orientado para querer agir na verdade e para a verdade (Cf. PIEPER, 2018). Decisões acertadas, ponderadas, e fundamentadas na realidade são características de um ser humano prudente.

Ela é a primeira e mais importante de todas as virtudes porque sem o reto discernimento e ponderada decisão, as demais virtudes podem não ser bem realizadas. Diz Josef Pieper (p.16) “a prudência é a razão daquilo que torna virtudes as outras virtudes.” Como é característico da virtude o meio-termo (Cf. AQUINO, 2003, p. 188; 192), a prudência decidirá corretamente acerca da melhor maneira de desempenhar as demais virtudes na medida.

Pode-se ser imprudente por falta ou por excesso: por falta, quando somos precipitados, descuidados ou agimos sem refletir; e por excesso quando, por causa de demasiadas precauções, deixamos de agir como deveríamos.

10.2 A JUSTIÇA

A segunda virtude cardeal é a Justiça. Pieper (2018, p.64) define o que é e o que não é justiça da seguinte maneira:

Trata-se da norma segundo a qual se deve dar a cada um o que é seu. Que o homem dê ao homem aquilo que lhe pertence: aqui assenta toda a justa ordenação do mundo. E toda injustiça, por outro lado, significa que se retém ou se retira o que pertence ao homem, não em virtude do infortúnio, da má colheita, de um incêndio ou de um terremoto, mas por culpa dos mesmos homens.

“É a retidão do espírito pela qual fazemos o que devemos, em qualquer situação” (AQUINO, 2003, p.167). Entender esse aspecto principal da justiça é extremamente importante, pois, com o auxílio das demais virtudes, somos capazes de distinguir a maneira de agir dependendo da situação ou da pessoa. Sabemos que, conforme a conveniência, certo modo de agir é adequado para determinado contexto e para outro não, pois não é determinado a este e, por outro lado, é determinado àquele.

A virtude da justiça é voltada de forma especial para o outro. E quando não se exerce a justiça, a injustiça toma o seu lugar. Ser injusto implica em não realizar o que é devido ao que ou a quem quer que seja. Para reparar um ato injusto é preciso que seja restituído,

proporcionalmente, o dano que não foi concedido devidamente ao sujeito que o merecia por direito.

10.3 A FORTALEZA

A terceira virtude que veremos é a fortaleza. A fortaleza é a disposição da alma para agir bem e exercer as outras virtudes (Cf. p.167). Ela está sempre associada à coragem, pois nos faz capazes de enfrentar as dificuldades existentes na prática do bem.

A fortaleza implica vulnerabilidade; sem essa vulnerabilidade, não existe sequer a possibilidade de fortaleza. [...] Ser forte significa ter capacidade para receber um ferimento. Entende-se por ferimento toda a violação da incolumidade natural contrária à nossa vontade, toda a ofensa ao ser que em si próprio descansa, tudo o que contraria a nossa vontade, tudo o que é de qualquer modo negativo, tudo o que magoa ou prejudica, atemoriza ou oprime.[...] Porém, o homem forte não aceita o sofrimento por si mesmo, mas na medida que, através dele, se propõe conservar ou alcançar uma incolumidade essencial mais profunda. (p. 152;154)

A fortaleza torna-nos capazes de desempenhar o bem com coragem, enfrentando o medo, mesmo que isso acarrete algum tipo de sofrimento. A verdade e o bem é o que há de mais importante para quem é forte. O forte não sofre por sofrer, sem sentido, mas se submete ao sofrimento por uma causa justa. Há, no entanto, aquilo que é um excesso da fortaleza, que é uma audácia desmedida, que nos faz enfrentar coisas que, racionalmente não são necessárias enfrentar, ou que não possíveis de ser enfrentadas. Quando a coragem é desponderada é porque falta a prudência para acompanhá-la, pois “só o prudente pode ser forte” (p.158).

10.4 A TEMPERANÇA

A última virtude cardeal é a temperança. “É a virtude moral que modera a atração pelos prazeres e procura o equilíbrio no uso dos bens criados”, conforme bem explica o Catecismo da Igreja Católica (1999, p.487). A temperança “impõe medida a todo o tipo de paixão e atividade, para que não ultrapassem os devidos limites” (AQUINO, 2003, p.167). O termo temperança remete a tempero. Assim como na comida é preciso que o tempero esteja na medida certa, na vida as nossas ações devem ser temperadas na medida ideal, de acordo com a razão.

Está sempre associada com disciplina e ordem, agindo como uma espécie de freio diante das nossas atitudes. Esta virtude contribui para a conservação das demais virtudes existentes no homem. O contrário da temperança é a intemperança, e se caracteriza pela desordem, principalmente no que diz respeito aos sentidos. Eu diria que a máxima da temperança é: nem de mais, nem de menos, mas na medida!

11. É PRECISO PERSEVERAR!

Demonstrando as virtudes cardeais, percebemos o quanto elas são capazes de atrair consigo outras virtudes. E como “a virtude é um hábito sempre voltado para o bem” (p.101), e o bem é aquilo para o qual a nossa vontade se inclina, e como fruto disso teremos, um dia, a posse do bem supremo, logo, as virtudes são sim um caminho certo para a nossa felicidade.

Ademais, é preciso manter constância no exercício da virtude, porque, como a virtude é um hábito, ela pode tanto aumentar (Cf. p.70), como diminuir (Cf. p.82), ou até mesmo desaparecer (Cf. p.79). Portanto, cabe a cada um escolher livremente trilhar esse caminho ou não, escolher ser feliz ou não!

CONCLUSÃO

Este trabalho visou apresentar acerca do homem e do seu desejo de felicidade. Sua finalidade foi dar uma resposta para cada ser humano que percebe em si mesmo um anseio sempre constante por completar algo que falta em seu interior, por ser feliz para sempre. Para cumprir este objetivo, o artigo foi dividido em três capítulos, nos quais fizemos um percurso demonstrando alguns aspectos sobre a felicidade.

No primeiro capítulo, vimos, através de diversas maneiras, que o homem tem o desejo de felicidade e que é genuíno, e explanamos também o porquê o homem tem esse desejo. Já no segundo capítulo, pudemos discorrer sobre a felicidade propriamente dita. O que é e o que não é a felicidade foi o assunto central desta segunda parte. Demonstramos que a felicidade não se encontra em inúmeros bens criados, pois estes bens temporais são, por si só, incapazes de proporcionar a felicidade; mas esta encontra-se na posse da bem-aventurança. Possuir a bem-aventurança significa contemplar a verdade, ou seja, contemplar o próprio Deus! Quando o homem possui a bem-aventurança ele possui Deus, e tem, como fruto, a felicidade completa, que é o seu fim último.

No terceiro e último capítulo discorreremos acerca do caminho que o homem precisa realizar para alcançar o seu fim último, ou seja, o que o homem precisa fazer para ser feliz. Isso é possível quando o homem pratica as virtudes. A vivência de uma vida virtuosa é capaz de conduzir o homem ao bem, e por sua vez, à felicidade. Apresentamos como meio para isso as virtudes cardeais. A prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança são virtudes base para o exercício de todas as demais virtudes existentes.

Todo o caminho percorrido neste trabalho teve como base a filosofia perene de Santo Tomás de Aquino, o Doutor Angélico. Sob a luz tomista, foi possível explicar sobre o tema com mais segurança, inspiração e assertividade.

Por fim, saibamos que é preciso sempre manter-se constante e perseverante no exercício do bem, pois, fora deste, é impossível alcançar a felicidade. Fomos criados para isso, para sermos felizes eternamente. A felicidade nos espera: Deus nos espera! Avante!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Santo Tomás de. **As Virtudes Morais**. Editora Ecclesiae, Campinas, 2012;
- AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Contra os Gentios**. 2ª edição, editora Ecclesiae, Campinas, 2017;
- AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica**. Vol. III, Edições Loyola, São Paulo, 2003;
- AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica**. Vol. IV, Edições Loyola, São Paulo, 2003;
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Editora Martin Claret, São Paulo, 2015;
- As Virtudes Cardeais**. Disponível em: <<https://formacao.cancaonova.com/espiritualidade/as-virtudes-cardeais/>> Acesso em 20/11/2020;
- Bíblia Sagrada**. Tradução oficial da CNBB, 2ª edição, edições CNBB, Brasília, 2019;
- Catecismo da Igreja Católica**. 19ª edição, edições CNBB e Loyola, São Paulo, 2017;
- FULWILER, Jennifer. **Tudo, menos Deus**. 1ª edição, editora Ecclesiae, Campinas, 2015;
- HIPONA, Santo Agostinho de. **Sobre a Vida Feliz**. Editora Vozes, Petrópolis; 2014;
- LUÑO, Ángel Rodríguez. **Ética General**. 6ª edição, Ediciones Universidad de Navarra, Navarra, 2010;
- MENEZES, Pedro. **Hedonismo**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/hedonismo/>> Acesso em 30/11/2020.
- PIEPER, Josef. **Virtudes Fundamentais**. Editora Cultor de Livros, São Paulo, 2018;
- SIMON, René. **Moral – Curso de Filosofia Tomista**. 7ª edição, editora Herder, Barcelona, 1999;
- STORK, Ricardo Yepes; ECHEVARRÍA, Javier Aranguren. **Fundamentos de Antropologia**. 2ª edição, editora Instituto Raimundo Lúlio, 2016;
- URDÁNOZ, Teófilo. **Historia de la Filosofía**. Vol, V, 4ª edição, Biblioteca de Autores Cristiano, 2008;
- 7 virtudes-chave do católico: as 3 teologais e as 4 cardeais**. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2020/06/16/7-virtudes-chave-do-catolico-as-3-teologais-e-as-4-cardeais/>> Acesso em 20/11/2020.